

Hilário Ribeiro de Andrade e Silva (1847-1886)

Isabel Cristina Alves da Silva Frade

*“Entendo que certos livros escolares não
podem suportar uma longa existência.
Eles têm a duração limitada pela ciência pedagógica
que todos os dias progride e apodera-se de novos processos”
(Hilário Ribeiro)*

As palavras que abrem o verbete sobre Hilário Ribeiro são uma espécie de autoapresentação de um educador que acompanhava seu tempo e que participava de várias instâncias ou ambientes em que se podia acreditar na ciência pedagógica e apoderar-se de novos processos.

Hilário Ribeiro de Andrade e Silva nasceu em Porto Alegre (RS) em 1º de janeiro de 1847 e morreu no Rio de Janeiro em 1º de janeiro de 1886. Foi um escritor e educador brasileiro, além de poeta, dramaturgo e biógrafo, conforme estudos de Martins (1978), citado por Iole Trindade (2001). Era filho de Emília Gonçalves de Mesquita Ribeiro e do professor José Ribeiro de Andrade e Silva, com quem teria feito seus estudos primários. Estudos biográficos indicam que, tendo feito seus estudos primários com o próprio pai, concluiu seus estudos secundários em Porto Alegre e foi para o Rio de Janeiro cursar Medicina, de onde teve que voltar por motivos de doença. Ao retornar a Porto Alegre, assumiu várias atividades no campo do magistério: tinha uma escola de aula pública em Azenha e foi professor

na Escola Normal de Porto Alegre, assumindo a cadeira de Desenho. Atuou como codiretor da revista *A Escola* (Porto Alegre) em 1874. Hilário também atuou nos meios literários, sendo autor de peças de teatro e poesias e colaborador do jornal literário *Álbum do Domingo*, que assim se expressa sobre suas funções e seus colaboradores, tendo Hilário entre vários outros:

Fica, pois, estabelecido, que o *Álbum do Domingo* tem por principal missão procurar desenvolver o gosto pelas letras e, nesse intuito, procurou cercar-se do auxílio dos distintos colaboradores, alguns de reputação firmada, outros que se iniciam auspiciosamente na carreira litterária. Os seus nomes estão acima mencionados: melhores títulos de apresentação não podia o *álbum do Domingo* exhibir para conquistar, como espera que o fará, a confiança e a nobre sympathia do público nesta nobre capital (*Álbum do Domingo*. Anno 1. Porto Alegre, 7 de abril de 1878).

Como escritor de obras literárias, Hilário Ribeiro de Andrade e Silva foi membro da Sociedade Partenon Literário, fazendo parte da sua diretoria provisória na função denominada Estatutos. Essa sociedade propagava os ideais republicanos e promovia também saraus, conferências regulares e debates com temas diversos. Sua atuação mais conhecida foi como autor de livros didáticos, supostamente porque alguns deles atingiram centenas de edições, como o *Primeiro livro de leitura*, o *Segundo livro de leitura* e a *Cartilha nacional para ensino simultâneo de leitura e caligrafia*. Hilário teve livros didáticos premiados em exposições no Rio de Janeiro e também na Exposição Universal de Paris de 1886, onde ganhou medalha de prata.

Mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se tornou, por um pequeno tempo, catedrático do Liceu de Artes e Ofícios. Suas atividades como autor de livro didático o fizeram abandonar o cargo para viajar pelo Brasil, divulgando seus livros, ministrando palestras para escolas e expondo suas ideias sobre educação. Nesse percurso, reúne subsídios para a publicação de um livro ilustrado sobre o Brasil, denominado *Brasil Pittoresco*. Morre pouco depois, quando já preparava um novo livro, o *Manuscripto Brasileiro*. Seu nome batiza uma rua em Porto Alegre. (TRINDADE, 2001, TAMBARA, 2003, WIKIPEDIA, WIKIZERO, 2021).

Os livros de Hilário Ribeiro ofereceram uma contribuição para o processo de nacionalização da produção de obras didáticas. Ao refazer o caminho dos livros em Língua Portuguesa, Neto, Rosamilha e Dib (1974) mencionam a circulação de cartinhas ou cartilhas que reuniam no mesmo material o abecedário, o silabário e rudimentos do catecismo, mostrando que havia forte ligação entre alfabetizar e doutrinar. Tratando da fundação da primeira escola brasileira de leitura e escrita, pelos jesuítas, na Bahia, no século XVI, os autores mencionam livros enviados por D. João VI ao Brasil. Chama a atenção a exiguidade da escolarização e da produção de livros em Portugal, que correspondia a baixíssimas taxas de alfabetização no país. Como se dava, então, o uso de livros no Brasil no período imperial?

Estudos de Lajolo e Zilberman (1996) e de Hallewell (1985), relacionados à história do livro e da leitura, e várias pesquisas sobre história da educação e da alfabetização naquele período, realizadas por Mortatti (2000), Maciel (2003), Frade e Maciel (2006) e Frade (2010a), chamam a atenção para a precariedade dos materiais impressos em circulação nas escolas e mencionam a utilização de

textos manuscritos de circulação doméstica ou de livros de origem portuguesa para o ensino da escrita.

Antonio Augusto Batista e Ana Maria de Oliveira Galvão (2009) revelam a precariedade de livros para o ensino simultâneo no Brasil, indicando que “é só a partir da segunda metade do século XIX que começaram a surgir no país, com mais frequência, livros nacionais de leitura destinados especificamente às séries iniciais da escolarização (p. 77) e a produção de Hilário Ribeiro vem responder a essa demanda. Assim, com os ventos da República, já no final do período imperial, prenuncia-se uma produção brasileira de livros para ensinar a ler, ressaltando-se os livros para ensinar a ler e as séries graduadas de leitura de vários autores, como O método Pinheiro Ba-ca-da-fá, os livros de Abílio César Borges (1867), o método de Hudson, de Octaviano Hudson (1876), a *Nova Carta de ABC* (1880), os primeiros livros de leitura de Landelino Rocha, em Recife, e os livros de Hilário Ribeiro (1884) e de Felisberto de Carvalho (1892). Vários desses autores também produziram séries graduadas. Pode-se dizer que é uma produção nacional com inspiração em livros de outros países ou com impressão realizada fora do país.

Nesse contexto, Hilário Ribeiro publicou e teve seus livros premiados na Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro em 1883. Em 1885, já professor do Imperial Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, publicou pela Livraria Francisco Alves a Cartilha Nacional ou Novo primeiro livro de leitura para “o ensino simultâneo de leitura e escrita”. O sucesso da obra pode ser verificado nas informações contidas nas capas das várias edições: a de 1887 já é 9^a edição; a de 1919 é a 204^a edição e, por fim, a de 1959 é a 246^a edição.

Abaixo a reprodução da lista composta por Elomar Tambara (2003), com títulos relativos à produção de Hilário Ribeiro:

Quadro 1 - Livros publicados por Hilário Ribeiro

Primeiro livro de leitura. Rio Grande, Livraria Americana, 1878. (várias edições); (123 em 1943, pela editora Francisco Alves);
Cenário Infantil: segundo livro de leitura. Ibid., 1879 (reeditado, Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, com um total de 165 edições até 1940);
Gramática Portuguesa. Pelotas. Livraria Americana, 1880;
Lições do lar (1, 2, 3 Livros de Leitura). Livraria Americana (1880);
Geografia da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Liv. Americana, 1881. (3ª ed. 1883);
Na terra, no mar e no espaço: terceiro livro de leitura. Rio de Janeiro. Alves & C. 1883;
Cartilha Nacional para o ensino simultâneo de leitura e caligrafia. Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, 1884. (245 edições até 1957);
Pátria e dever: quarto livro de Leitura. Porto Alegre. Liv Americana, 1887;
Elementos de Moral e Cívica. Rio de Janeiro, 1895. (4ª ed. Rio de Janeiro, 1895. (4ª ed. Rio de Janeiro. Liv. Francisco Alves, 1907);
Silabário ou Primeiro livro de leitura. Editora Garnier

Fonte: TAMBARA, 2003, p. 234.

Pela lista, pode-se compreender que o autor se dedicava a mais de uma área ou disciplina, como a gramática, a leitura, elementos de Moral e Cívica e Geografia. Os livros publicados pela Garnier, pela Editora Carlos Pinto & Cia, pela Liv. Americana, pela Liv. Francisco Alves e Imprensa Nacional mostram que o autor circulava com certa desenvoltura pelo mundo editorial.

Para o ensino inicial da leitura, o autor publicou o Silabário ou Primeiro livro de leitura, e pode-se presumir, pelo título, que essa obra dialogava com modelos de livros mais colados à tradição dos silabários. Destacam-se, em sua obra, a Cartilha Nacional, com 245 edições, o Primeiro livro com 123 edições até 1943 e o Segundo livro, com 165 edições até 1940.

Pfrom Neto, Rosamilha e Dibs (1974) citam depoimento de Antonio Oliveira, feito a Arroyo, indicando seu apreço e encantamento com um dos livros da série de Hilário Ribeiro e destacam a complexidade de conteúdos, exemplificada em alguns capítulos do seu Terceiro livro, no qual o autor trabalha com divulgação científica, história, geografia “em linguagem simples e frequentemente dialogada com ilustrações a bico de pena” (p. 173).

A obra de Hilário Ribeiro é uma contribuição à nacionalização da produção de livros escolares, no que se refere ao livro para ensino inicial da leitura e escrita e as suas séries graduadas. Seus livros também conviveram com a disputa entre dois sistemas existentes ao final do século XIX, no Brasil, segundo Elomar Tambara (2003): um voltado para reforçar o poder da igreja católica e outro, o das orientações seculares liberais. Para o mesmo autor, a produção de Hilário é “um exemplo típico da leitura escolar caracterizada pela secularização” e seus livros tinham como subtítulo o termo “Elementos de Educação Cívica e Moral”. Citando obra produzida por Hilário Ribeiro, *Leitura – elementos de educação Cívica e Moral*, publicado pela Garnier, em 1880, Elomar Tambara (op. cit.) destaca que os textos visavam à formação moral do cidadão, o trabalho com seus direitos e deveres e o reto agir, criticando principalmente o pensamento preguiçoso do ébrio e do jogador, reforçando comportamentos sociais como a assiduidade, a perseverança, a pontualidade e o dever.

De fato, são exemplares da tendência moral e cívica, os textos das lições que encontramos em seu Novo Segundo Livro, que mostram exemplos de virtudes e bom comportamento motivados com uma narrativa maior, composta com textos narrativos ou poemas encaixados por temas e mantendo ligação com personagens e fatos de

outras lições. Entre algumas lições, aparecem máximas reproduzidas em tipos manuscritos, supostamente a serem copiadas, tais como: A admiração do bem é a porta da virtude, O caminho da virtude é bordado de espinhos, Aproveitemos o tempo. Também aparecem expressões que se relacionam ao texto apresentado em cada lição, tais como: “O que estás fazendo, branca pomba? Onde choravas, Francisquinho? a serem copiadas. No decorrer do livro, construído com poemas e histórias instrutivas, por vezes aparecem palavras que não se relacionam diretamente à lição, possivelmente para serem copiadas ou ditadas, como reprodução dos nomes de Estados brasileiros. Um exemplo de texto que trabalha com valores é o intitulado “Ser e parecer”, sendo todo o livro ricamente ilustrado em bico de pena, na sexta edição de 1887, a que tivemos acesso:

Ser e parecer
Dizia Antonico, em pé sobre uma mesa:
Olha, mamãe, vê como sou grande!
Sou grande, não é verdade?
Desceu depois e sua mãe lhe disse:
- Parecias grande, mas na realidade eras pequeno.
O que importa meu filho é
SER E NÃO PARECER.
Sirva-te esta lição para diante:
Todo homem pode procurar *elevantar-se*, mas não *engrandecer-se*! (p. 11,12)

Fonte: Novo segundo livro de leitura. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1887.

A lição é concluída com a virtude: *Ser e não parecer*, expressão a ser copiada.

A folha de rosto do seu Novo segundo livro mostra sua adoção em vários estados brasileiros: município da corte, províncias de Minas, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Ceará e outras e no Lyceo de Artes e Officios do Rio de Janeiro.

Segundo proposta de tipologia de Batista e Galvão (2009) para livros de leitura brasileiros do período, pode-se dizer que seus livros de leitura dialogam com o modelo formativo (valores e civismo), classificação bem pertinente para o seu Novo Segundo Livro e com o modelo enciclopédico que caracteriza seu Terceiro livro, cujo enredo de um soldadinho falante é construído na lição anterior e segue por todo o livro, como um personagem que faz ligação entre os temas enciclopédicos, como, por exemplo, o tema Línguas vivas e mortas:

II

Línguas vivas e mortas

Pois tu sabias falar?! Exclamou Henrique arregalando os olhos e todo a tremer, como se tivesse diante de si uma alma do outro mundo. Sei mais do que pensa. Falo todas as línguas vivas, ao passo que o menino mal sabe a bela língua viva de sua mãe.

- Línguas vivas?! Pois há línguas vivas?

- E línguas mortas também. Chamam de línguas vivas as línguas que se falam, como a portuguesa, a francesa, a inglesa, a italiana, a allemã, a hespanhola e muitas outras; e línguas mortas as que não se falam, como a latina, o hebraico, etc.

- O senhor é muito sábio, Sr. Soldadinho!

- Tenho-me nesta conta. Sou um polyglótta.

- Como?

- Um polyglótta. Aposto que o menino nunca ouviu pronunciar tal palavra! Chama-se polyglótta a pessoa que sabe falar várias línguas, como eu, por exemplo.

Fonte: Na terra, no mar e no espaço. Novo terceiro livro de leitura por Hilário Ribeiro, 2ª ed. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro. 1885. p. 6.

O mesmo Terceiro livro segue com lições com temas como: Pontos cardeais, Os continentes, Mappa Mundo, O mar, Terra, Portos comerciais, A bússola, Monstros marinhos, A água, O gelo, As nuvens, O microscópio, entre vários outros sub-temas. A unidade Ao mar que se segue é construída com uma narrativa de viagens por vários países da Europa e a unidade Por todo o mundo vai para a Ásia, África e outros continentes. Todos os textos são relatos de experiências em tom literário, com o soldadinho dialogando com o menino. Com essa estratégia o autor aborda línguas, instrumentos, culturas, hábitos das regiões, religião, história, biologia, geografia, vocabulário, gramática, mitologia, filosofia.

Para o ensino da leitura e escrita para iniciantes, destaca-se a Cartilha Nacional, de Hilário Ribeiro, que teve inúmeras edições e circulou por vários estados brasileiros, tendo sido produzida após a publicação do seu silabário que, possivelmente, dialogava com modelos de silabários e com o método de soletração. Na página de rosto aparecem duas menções honrosas: Premiado com o diploma de primeira classe da Exposição Objetos escolares em 1887 e Medalha de Prata da Exposição de Paris de 1889. Em prefácio à 10ª edição, o autor relata sua motivação e o processo de mudança metodológica.

Foi no Imperial Museu de Artes e Ofícios que primeiro empreguei este método e colhi os melhores resultados. Às minhas lições que eram públicas, assistiram distintos professores e o benemérito cidadão que dirige os destinos de tão notável estabelecimento de ensino popular. O método a todos agradava e o excelentíssimo Comendador Bittencourt da Silva foi

o próprio examinador de meus alunos, que passaram a classes de leituras correntes após 32 lições. Persuadido, pois, de que este método é superior ao que publiquei há alguns anos e que está na 10^a edição, sujeito-me hoje ao consenso público e sinto o prazer dos que trabalham pela causa a instrução primária a obra mais patriótica e meritória da moderna civilização. Se eu me desvanecesse ante a aceitação que tem tido meus livros didáticos atualmente adotados em várias províncias, certo não me daria ao trabalho de estudar um novo método de leitura, nem escreveria outros livros que estão ao prelo (RIBEIRO, 1959, prefácio).

Dessa forma, a Cartilha Nacional traz inovações: a primeira é a simultaneidade do ensino da leitura e da escrita, explicitamente destacada por ele e revelada por tipos de imprensa e tipos manuscritos em partes a serem copiadas; a segunda, uma inovação metodológica manifestada nas instruções ao professor ao destacar os valores fônicos das letras nas palavras e a terceira é a de inovações gráficas, ao destacar sílabas com letras vermelhas e pretas (Trindade, 2001). Ao adotar o método de soletração moderna, que trabalhava o valor fônico das letras, seguiu o caminho de João de Deus, apresentando-as em palavras e frases, conforme páginas contíguas de número 6 e 7 do exemplar consultado, representadas abaixo:

a	<i>a</i>	uva	ave
ai	<i>ai</i>	ovo	avô
v iu	<i>v iu</i>	ouvi	ouve
ou	<i>ou</i>	uiva	viúva
ia	<i>ia</i>	vivia	ouvira

veia viva viva
eu ouvi

uivava
eu ouvi vovô

ouviu¹

Abaixo uma reprodução de suas instruções ao professor, contidas nas páginas finais da Cartilha Nacional:

Observação: para que os alunos facilmente descubram por si mesmos os valores das invogais, bastará que o professor escreva na tábua preta as primeiras palavras de cada lição, dispostas exatamente como se acham e enuncie a primeira, interrogando em seguida os alunos do seguinte modo: que soa antes de? Que percebeis antes de...? Sejam, por exemplo, os vocábulos das quatro lições estampadas previamente na tábua preta. O professor pronuncia – **vvvá**, e em seguida pergunta: o que soa antes de **á**? (RIBEIRO, 1959, p.61).

Mais adiante, o autor acrescenta:

O professor pronuncia va e pergunta: o que soa antes do a? Os alunos têm que dizer v... e não VÊ.

O que é que percebem antes do e na palavra fé? Os alunos necessariamente apoiarão os dentes superiores nos beiços de baixo e emitirão o respectivo valor fff.

Segue-se o p que é objeto da lição subsequente sendo a articulação improferível, como o t,d,b que se lhe seguem (RIBEIRO, 1959, p 61).

1 Na página original da edição de 1959, as sílabas das palavras que estão representadas em negrito e tipo normal na página 7, representadas neste verbete, eram grafadas com tipo liso e os outros com tipo lavrado, para destaque, uma das características que também apareciam em João de Deus (FRADE, 2010B). No entanto, os mesmos tipos apareciam em seu livro com vermelho e preto, nas primeiras edições (TRINDADE, 2001), o que não corrobora a ideia de que, visualmente, a Cartilha Nacional foi uma refacção da Cartilha Maternal, de João de Deus.

Há também um exercício denominado análise de palavras no qual o autor indica que, ao escrever palavras, “o professor escreverá no quadro as palavras das lições e os alunos devem se exercitar buscando o valor sonoro das letras das palavras”:

1º aluno (lendo): ovo palavra de três letras, sendo duas vogais e uma invogal, com um só valor próprio, proferível, o primeiro O é fechado, e o segundo vale u, porque vem no fim; Pede-se ao professor para explicar o valor improferível, por exemplo, da letra m em determinadas posições. (RIBEIRO, 1959, p. 62).

Sobre a escrita, uma inovação nos livros de leitura no período, o autor faz algumas ponderações sobre suas etapas pois “só depois que os alunos souberem ler perfeitamente, tanto o carater romano como o manuscrito até a quarta lição, é que o professor ensinará a escrever na tábua preta, primeiro a letra v e depois as palavras formadas por ele” e

Logo que estejam mais provectoros, aprenderão os alunos a escrever de memória, tanto os vocábulos das lições como outros quaisquer e bem assim as pequenas frases ao alcance de suas inteligências. (RIBEIRO, 1959, p. 62).

Mostrando o quanto significou uma produção nacional, feita por Hilário Ribeiro, naquele período, seja no período imperial, no qual já tinha obtido reconhecimento pelos seus livros, seja no período republicano, não se pode negar seu sucesso:

seus compêndios foram adotados nas escolas públicas do Município da Corte e nas províncias de Minas, São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Pernambuco e outras (Ribeiro,

1887). Continuaram populares na República, sendo bastante usados até a década de 30. (TRINDADE, 2001, p; 192).

Pesquisa de Frade e Maciel (2006) atesta a circulação nacional de suas obras. Isso mostra que o autor gaúcho ganhou reconhecimento em todo o Brasil num tempo de pouca produção, mas também de muitas ideias republicanas voltadas para a ciência. Ao retomar suas palavras, reproduzidas no início deste verbete e a sua produção, entendemos que Hilário Ribeiro não se acomodava ao sucesso obtido nas escolas, aventurando-se por novas produções e acompanhando o desenvolvimento pedagógico do seu tempo. Assim, chama a atenção na epígrafe escolhida para iniciar este verbete sua postura de inovação e a não pretensão do autor em ter suas obras circulando por muito tempo, fato que o próprio tempo ou os próprios sistemas, professores e leitores desmentiram, pois “a última edição do silabário é de 1941 (123^a ed.) e a da cartilha é de 1943 (236^a ed.), pela Francisco Alves (Villas-Boas, 1974)”. (TRINDADE, 2001, p. 250).

Se o autor escreveu a Cartilha Nacional para substituir o Silabário, conforme ele mesmo afirmou no prefácio da primeira, isso não ocorreu, pois elas coexistiram na circulação e na edição, contradizendo o que supunha o autor, que faleceu dois anos após a produção da Cartilha Nacional, na qual assim se expressou: “entendo que certos livros escolares não podem suportar uma longa existência. Eles têm a duração limitada pela ciência pedagógica que todos os dias progride e apodera-se de novos processos” (RIBEIRO, 1959, prefácio).

Referências

BATISTA, Antonio Augusto e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Livros escolares de leitura no Brasil**. Elementos para uma história. Campinas/SP: Mercado das Letras. 2009.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva Frade; MACIEL, Francisca Izabel (org.). **História da alfabetização**: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT – séc. XIX e XX). Belo Horizonte: UFMG/FAE/FAPEMIG/CNPq, 2006.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Uma genealogia dos impressos para o Ensino da escrita no Brasil, no século XIX. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 44, p. 264-281.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Livros para ensinar a ler e escrever: uma pequena análise da visualidade de livros produzidos no Brasil, em Portugal e na França, entre os séculos XIX e XX. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia; (org.). **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil (sua história)**. São Paulo: Edusp, 1985.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

MACIEL, Francisca I. P. **Ler, escrever e contar... a história da alfabetização em Minas Gerais**. Belo Horizonte: SEE/MG, 2003. Catálogo de exposição.

MORTATTI, Maria do Rosário. **Os sentidos da alfabetização**. São Paulo: UNESP, 2000.

NETO, Samuel Pfrom; ROSAMILHA, Nelson; DIB, Claudio Zaki. **O livro na educação**. Rio de Janeiro: Primor/INL. 1974. 256 p.

TAMBARA, Elomar. **Bosquejo de um ostentor do repertório de textos escolares utilizados no ensino primário e secundário no século XIX no Brasil**. Pelotas: Seiva Publicações, 2003. 309p., p. 232.

TRINDADE, Iole. Maria. Faveiro. **A invenção de uma nova ordem para as cartilhas: ser maternal, nacional e mestra: queres ler?** Porto Alegre, FAGED, UFRGS, 2001 (Tese de doutorado).

Fontes consultadas

ÁLBUM DO DOMINGO. Anno 1. Porto Alegre, 7 de abril de 1878. Disponível em: [Álbum_do_Domingo_nº_1.jpg \(1174×1780\) \(wikimedia.org\)](#). Acesso em: 26 jul. 2021.

RIBEIRO, Hilário. **Novo segundo livro de leitura**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1887. Acervo pessoal. (digitalizado).

RIBEIRO, Hilário. **Na terra, no mar e no espaço**. Novo terceiro livro de leitura por Hilário Ribeiro, 2ª ed. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1885. Acervo pessoal. (digitalizado).

RIBEIRO, Hilário. **Cartilha Nacional**. Novo primeiro livro. Ensino simultâneo de leitura e escrita. Rio de Janeiro. São Paulo. Belo Horizonte, Livraria Francisco Alves, 1959, 246 ed., Museu da escola, SEE/MG.

RIBEIRO, Hilário. Disponível em: [Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#). Acesso em: 4. abr. 2021.

RIBEIRO, Hilário. Disponível em: [Wikizero – Hilário Ribeiro](#). Acesso em: 23. jul. 2021.